



“Criar” ou “Criar”

Por: José Almendra
Articulista do IQE
Relações Institucionais

Diferentemente dos últimos artigos, em que as discussões e análises centralizaram-se em temas recorrentes dos noticiários como “Base Nacional Comum Curricular”, “Formação Docente”, “Plano Nacional de Educação”, “Escolas em Tempo Integral”, “Integração de Políticas Públicas” etc., hoje gostaria de compartilhar com o leitor um assunto que não é usual em nosso dia a dia (ou pelo menos não tem a mesma frequência de exibição dos temas supramencionados), porém assume fundamental importância na educação do cidadão. Portanto, vamos nos debruçar sobre o conceito do “Homem Integral”.

Alguns autores, defensores de uma “visão educacional” intitulada “Educação do Homem Integral”, analisam e descrevem o processo educacional sob uma ótica mais filosófica (humana). Antes de adentrarmos em nossa análise propriamente dita, vale pontuar uma diferenciação entre as palavras “criar” e “criar”. “Criar”, uma palavra latina, significa a manifestação da essência em forma de existência; já “criar” é a transição de uma existência (material) para outra existência (também material). A título de exemplo, podemos estabelecer o seguinte comparativo: o Poder Infinito é o “criador” do Universo, enquanto um fazendeiro é um “criador” de gado.

Adicionalmente, segundo essa “visão educacional”, “educação” e “instrução” não são sinônimos. A instrução tem por fim fornecer ao homem o conhecimento e uso das habilidades/competências necessárias para a sua vida profissional. A educação tem por fim despertar e desenvolver no homem os valores da natureza humana; porquanto a natureza humana existe em cada indivíduo apenas na forma potencial, embrionária. Os valores existem, constituindo a própria alma ou essência do Universo, e o homem deve captar em si esses valores, porque somente a captação dos valores pela consciência torna o homem valioso e bom. Pela ciência (empregada aqui com o sentido de instrução) o homem descobre os fatos de natureza material. Pela consciência o homem capta os valores do mundo imaterial. Ser amigo da verdade, da justiça, do amor, da honestidade, da fraternidade etc., é “criar” valores pela consciência, e isso torna o homem bom.

Até hoje os poderes públicos de todos os países insistem muito em “instrução” e pouco em “educação” (conforme descrita acima). Talvez tenham razão, porque a “educação” não é tarefa primordial do Estado ou de alguma organização social, mas sim, por esse prisma, do homem individual. Neste contexto, somente um homem educado pela consciência dos valores é que pode servir de pedra fundamental da harmonia social e da paz mundial. Quando a ciência se integrar totalmente na consciência, então, de acordo com essa lógica, o mundo terá paz e ordem universal.

Outra maneira análoga de se enxergar o conceito em voga ampara-se na junção harmônica de quatro componentes – mente, corpo, emoções e alma (aqui entendida como Universo). Mente, corpo e emoções compõem a parte periférica da natureza humana, cada um correspondendo aos vértices imaginários de um triângulo, enquanto a alma se encontra no centro dessa figura. A partir daí, considera-se a verdadeira educação do homem integral aquela

emanada do centro (alma/Universo) para a periferia, ou seja, da alma para o corpo, a mente e as emoções.

Ora, a natureza humana não é uma justaposição mecânica de corpo e alma, de matéria e espírito; a natureza humana é um intercâmbio orgânico entre corpo e alma. E quem controla e harmoniza esse intercâmbio é uma faculdade cósmica que pode aparecer com nomes variados como razão, intuição, consciência etc. O homem integral não é materialista, nem mentalista, nem espiritualista. Ele tem um pouco de tudo isto, integrando em si tudo que é material, mental e espiritual (universal). Podemos até extrapolar essa reflexão e inferir que ser cosmicamente humano é a suprema aspiração da verdadeira educação, cuja base é a autorrealização, ou, paralelamente, o transbordamento espontâneo do autoconhecimento.

O assunto certamente suscita ampla discussão, tanto teórica quanto empírica. Transplantar essa “visão educacional” para projetos pedagógicos, de maneira a estimular e reforçar a prática, nas escolas, de valores como verdade, justiça, amor, honestidade e fraternidade exige dos educadores um autoconhecimento profundo. Nesse sentido, a autorrealização docente aconteceria como consequência. Possivelmente este poderia ser o caminho para se construir uma sociedade efetivamente evoluída. Concluo o texto com uma constatação no mínimo intrigante – dois dos maiores líderes totalitários da história, Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler, perpetraram guerras, perseguições e destruições intensas na Europa dos séculos XIX e XX. Ambos eram instruídos, porém careceram de uma educação genuinamente verdadeira.